

ENTRE O INDIVÍDUO E A NAÇÃO: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM “O FILHO DA MÃE”, DE BERNARDO CARVALHO

Giovanna Ferreira Dealtry*

*Também as estórias não desprendem apenas do narrador,
sim o perfomam; narrar é resistir.*

(Guimarães Rosa)

Resumo

Uma das constantes da obra de Bernardo Carvalho, por certo, é a investigação do passado compreendido como lacunar em que a memória pessoal torna-se terreno inseguro e incapaz de oferecer uma imagem unificadora dos diversos relatos dos personagens. Em *O Filho da mãe*, o autor cria personagens atravessados pela história de guerras que constitui a União Soviética e, que mais tarde, infligiu às repúblicas independentes não somente a miséria e a morte, mas a marca indelével de ser o “outro”, o não-desejado, o que deve ser apagado da memória e do território imemorial da velha Rússia. É nesse sentido, na contra-mão dos romances históricos, que Carvalho propõe desde o princípio da leitura novas formas de se lidar com a memória e o esquecimento, para, quem sabe, esses sujeitos à margem consigam sobreviver, por mais um dia, no intervalo entre a lembrança de quem são e a tentativa de apagar suas próprias identidades para seguir em frente. O presente artigo investiga, por um lado, os diversos conflitos entre os planos históricos e ficcionais, dispostos no romance, e de que forma, a própria ficção trabalha com o sentido de deslizamento das categorias de memória e esquecimento para construir um espaço libertário em que certos personagens tendem a escapar de definições essencialistas. Por outro lado, tomando como eixo teórico, autores como Walter Benjamin e Benedict Anderson, pretende-se discutir a importância da memória, e também do esquecimento, com o intuito de camuflar a crise da Nação moderna, como retratada por Carvalho.

Abstract

One of the constants of Bernardo Carvalho's works is the investigation of the past understood as incomplete and where the individuals memories becomes an insecure field unable to offer an unified image of the various reports of the characters. In “O filho da mãe”, the author creates characters crossed by the history of Soviet Union wars, including the misery and death inflicted to the independent republics. More important, those characters have the indelible mark of being the "other", which should be vanished from past and the immemorial territory of old Russia. Against the tide of historical novels, Carvalho proposes new ways of dealing with memory and forgetting, so maybe these individuals can survive for another day, in the range between the memory of who they

* Doutora em Letras pela PUC-Rio. Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

are and attempt to erase their own identities to move on. On the hand, the present article investigates the conflicts between fiction and history, and how the fiction works constantly changing the categories of memory and forgetting to build a space where certain characters tend to escape from essentialist definitions. On the other hand, taking as a theoretical axis, Walter Benjamin and Benedict Anderson intends to discuss the importance of memory and also oblivion, in order to camouflage the crisis of the modern nation, as portrayed by Carvalho.

“Réquiem”, um dos poemas mais conhecidos da poeta russa Anna Akhmátova, tornou-se um libelo não só contra o regime stalinista, mas, igualmente, sobre as vítimas invisíveis que as guerras e governos autoritaristas produzem. No trecho inicial, nomeado “à guisa de prólogo”, lemos:

(...) passei dezessete meses nas filas das prisões de Leningrado./
Uma vez, alguém me reconheceu. E então uma mulher de lábios azuis atrás de mim, que obviamente nunca ouvira ninguém me chamar pelo nome, saiu do estupor ao qual todos tinham sucumbido e sussurrou no meu ouvido (ali, todo mundo sussurrava):/“Você pode descrever isto?”/ E eu respondi: “Sim, eu posso.” / E, então, o que parecia um sorriso passou pelo que um dia havia sido um rosto.” (CARVALHO, 2009, p.16-17)¹

A escrita comparece aqui não somente como denúncia, mas como memória de um presente que parece eterno. Esse mesmo trecho de “Réquiem” é incorporado à parte inicial do romance *O filho da mãe*. Através da lembrança da personagem Lúlia, cuja avó seria a mulher de lábios azuis que faz o pedido a Akhmátova, Carvalho constrói uma longa linhagem de mulheres cuja principal tarefa é não sucumbir enquanto lutam pelo retorno de seus pais, filhos, maridos dos campos de guerra, do exílio, das prisões.

Essa interlocução produzida entre Akhmátova e Carvalho pode ser vista como um caminho inicial para a aproximação de um romance cuja linha mestra mergulha na conturbada triangulação entre mães, filhos e as constantes guerras envolvendo Tchetchênia e Rússia. Do mesmo modo que a poeta desvela o

¹ Essa versão do poema encontra-se em *O filho da mãe*. Como não há menção ao tradutor, supõe-se que este seja o próprio autor. Uma versão do poema em inglês encontra-se neste endereço: http://www.eliteskills.com/analysis_poetry/Requiem_by_Anna_Akhmatova_analysis.php. Acesso em: 20 out. 2011

drama dos que aguardam em silêncio - a própria Akhmatóva à porta da prisão de Leningrado espera o momento de ver seu filho - interessa a Bernardo Carvalho os vestígios que o horror imprimiu às faces desses sujeitos: meros soldados rasos, mães e avós em busca de corpos espalhados em cova rasa, desertores, imigrantes das ex-repúblicas, ofendendo com sua presença, sua língua, os antigos senhores russos.

Ainda que o romance de Carvalho passe por Grózní, capital da Tchetchênia e expanda-se ao Mar do Japão, Moscou e Brasil, sua centralidade está em São Petersburgo, para onde convergem personagens e memórias a serem recuperadas, ou esquecidas, em meio ao cenário de ruínas da cidade prestes a celebrar trezentos anos de existência. “Falta um ano para a comemoração do tricentenário e a fachada do prédio já está em obras. Até o aniversário já estará decrépita de novo.” (idem, p.48) A observação do narrador em terceira pessoa, distanciado, mas que não se furta à reflexão crítica, aponta para a condição paradoxal existente no cerne de cidade moderna.

Como afirma Nelson Brissac Peixoto, “A cidade moderna é o palco das transformações incessantes, que revelam sua precariedade. Ruínas e obras se confundem. A morte já se apoderou dos edifícios que estamos construindo. O antigo se aproxima do moderno pela manifestação da caducidade do presente.” (2004, p.275)

Se a ruína é condição de inserção do passado no presente, ela igualmente transforma-se em memória do que se deseja apagar. Lembrar e esquecer, como afirma Benedict Anderson são igualmente necessárias à reconstrução de uma história desejada que sirva não somente à tradição, mas como alicerce do presente da nação. Assim, na São Peterburgo recriada por Bernardo Carvalho a celebração do passado objetiva desfazer-se da ruína e da morte, e encobrir o presente de decadência com a memória da cidade de glórias.

O resultado é uma cidade fantasmática, onde o discurso oficial da nação, como as fachadas dos prédios, busca cristalizar a memória da modernidade que se esvai em contraste com o movimento da cidade contemporânea. Não por acaso, em determinado momento da narrativa, “O Capote”, de Gogol, é evocado sugerindo não somente a forte interlocução entre a literatura e Peterburgo, mas sobretudo a continuidade de um passado a assombrar as esplanadas. Ao contrário do funcionário do conto, que volta para assombrar a cidade, e assim reafirma sua ligação com o local, os protagonistas do romance, Andrei e Ruslan, almejam o desaparecimento da cidade construída sob o signo da visibilidade total.

As avenidas são chamadas de perspectivas. Foram abertas para dar vazão aos desfiles militares e as demonstrações de poder. Não importa se é o czar, o Estado soviético ou a polícia russa quem comanda a marcha. Não há onde se esconder nem para onde fugir. A cidade foi construída para ninguém escapar. (CARVALHO, op.cit, p. 132).

Cristalizada no tempo e espaço, negando a própria condição da cidade moderna da contínua transformação, a cidade traduz o desejo de homogeneização do discurso da nação russa. Mas, como se pergunta a personagem Anna, “ - De que adianta reformar as fachadas se o interior continua podre?”. (idem, p.56). A frase faz referência direta às heranças do comunismo, à corrupção oficial, aos discursos forjados, mas igualmente ao próprio passado da personagem, um membro da elite russa, que na juventude abandona o próprio filho nascido da união com um jovem tchetcheno. A narrativa torna-se um terreno assombrado pelas memórias dos próprios indivíduos e da história dramatizada por guerras entre Rússia e Tchetchênia, que se cruzam a todo instante. Em comum, cidades e sujeitos carregam o signo da ruína.

Em contraponto a Peterburgo, cidade-ruína, presenciamos a aproximação amorosa impossível, quimérica, entre Andrei Guerra e Ruslan. Não somente por ser uma relação homossexual, mas igualmente por ser a possibilidade de afeto construída entre párias, respectivamente, entre o soldado russo desertor e o ladrão tchetcheno. É na cidade construída, como muitas capitais européias, “segundo a lógica da visibilidade do total”, que a relação entre os dois jovens “só pode existir nos limites da inverossimilhança.” (idem, p.133).

Estabelece-se entre os dois um jogo de sobrevivência pelas avenidas panorâmicas, que não oferecem esconderijo. Aplica-se portanto a mesma lógica do controle contra os revoltosos de trezentos anos atrás, desta vez na intenção de controlar não somente as massas, mas o indivíduo que, com sua identidade em desacordo ao discurso oficial desafia as representações da nação. “A dois, talvez seja mais difícil sair daqui. Mas ao menos levantam menos suspeitas de ser quem são, enquanto permanecerem na cidade. As chances de um recruta desertor encontrar um ladrão e beijá-lo na noite de Petersburgo são ínfimas. Juntos, eles podem parecer tudo, menos eles mesmos.” (idem, p.143).

Parecer eles mesmos significa inventariar as memórias que os expulsa sistematicamente. Renegado pela mãe, incapaz de ser incorporado à família

pequeno-burguesa, Ruslan, o filho tchetcheno, tampouco é capaz de voltar para Grózní, onde seria caçado pelo exército russo ou pelos separatistas. Sem lugar na família ou na pátria, torna-se um ladrão na tentativa de roubar um passaporte e poder escapar. Sem poder exercer sua identidade de origem, familiar ou de gênero, resta-lhe forjar uma outra identidade para, simplesmente, “escapar daqui”.

Contra a cidade que encena em suas fachadas evocar a grandiosidade do passado, os corpos marginais de Ruslan e Andrei só tem uma chance de sobreviver ao encenarem o apagamento da própria identidade, e tornaram-se um corpo único; transitando pelas sombras invisíveis da cidade, por não ser possível acreditar naquela existência.

É nesse sentido, que *O filho da mãe* pode ser analisado como uma sobreposição de linhas temporais. O passado de guerras da Rússia e o esfacelamento da União Soviética sobrepõem-se ao presente de Ruslan e do desertor Andrei Guerra, filho de uma russa e um brasileiro. Contra uma concepção historicista meramente aditiva, como definida por Benjamin, em suas “Teses sobre o conceito de história”, propõe-se aqui a instância desafiadora do discurso do indivíduo – seu corpo, sua presença, seu sotaque – contra o simulacro da grandiosidade da “mãe Rússia”.

Como afirma Hobsbawm,

A história é a matéria para as ideologias nacionalistas ou étnicas ou fundamentalistas, tal como as papoulas são a matéria-prima para o vício da heroína. O passado é o elemento principal, talvez o elemento essencial nessas ideologias. Se não há um passado satisfatório é sempre possível inventá-lo.

Ao exercitarem escapar do estreito círculo da guerra e da dominação, Andrei e Ruslan desafiam a própria história e os territórios a eles destinados previamente e inscrevem, através de suas deambulações noturnas pelas ruínas de Peterburgo uma outra história a contrapelo, narrada a partir do olhar do marginalizado.

Essas primeiras considerações sobre *O filho da mãe* ganham ainda mais força quando lidas em comparação com o blog “Diário de Berlim”, que Bernardo Carvalho mantém hospedado no site do IMS, em que aborda seu cotidiano na Alemanha, país em que permanecerá durante um ano devido a uma bolsa de escritor. No post publicado em 02 de maio, o autor trata da particular relação do berlinense com os monumentos e a arquitetura da cidade. Em conversa com um

turco, “cheio de contatos no Brasil”, o autor expõe sua vergonha quando diz não saber ao ser perguntado pelo conhecido se é verdade que derrubaram a Praça Roosevelt, em São Paulo.

A percepção de que a praça Roosevelt é (era) um monumento arquitetônico a ser preservado é típica da mentalidade berlinense. E não há nada errado nisso. Berlim é uma cidade que foi obrigada a entender os destroços e os espaços vazios como monumentos e vestígios históricos. E o resultado, se nem sempre é belo, é certamente um dos mais humanos e bem-sucedidos do planeta.

A humanidade está presente no gesto de inscrição da passagem do sujeito pelos espaços públicos, mesmo que estes hoje signifiquem vazios e vestígios de uma concepção de história não linear e progressista, mas múltipla, com vários sistemas enunciativos, como o próprio romance “O filho da mãe.” Essas múltiplas enunciações se são incapazes de encontrar a “harmonia”, o sentido clássico do belo, tornam a quimera, o animal mítico, por excelência, cujas diferenças suplantam quaisquer sentido de belo e harmônico, mais próximo do humano e da concepção de ruína como construção sempre em devir.

Mais adiante no mesmo post, Carvalho declara suas impressões sobre a peça de teatro Diebe (ladrões), escrita pela alemã Dea Loher.

Novos personagens surgem no proscênio e os da cena anterior são levados para os bastidores a cada giro da engrenagem. Volta e meia, quando contracenam diante do público, fazem anotações nas paredes, que permanecem como pichações e marcas que voltam quando as mesmas paredes surgem por força do movimento circular e abrigam outros personagens em outras cenas, contribuindo para criar uma espécie de fundo histórico comum a todos, por mais desvinculadas que a princípio parecessem suas histórias. Essas inscrições deixadas pelos atores nas paredes de espaços que serão ocupados em seguida por outros personagens em outras cenas têm tudo a ver com a ideia da cidade como acúmulo de camadas, símbolos e sinais a serem preservados, criando um fundo comum de ruínas e rabiscos que, por não camuflar o ciclo de morte e

destruição, também abre um espaço muito mais potente para a vida.

Como podemos ver a partir desses dois trechos, insinua-se na fala do escritor uma investigação contemporânea sobre cidade, história e sujeito. Somente a cidade, como Berlim, que de alguma forma expõe seus vestígios, suas ruínas de maneira pública, é capaz, ao mesmo tempo, de não apagar o passado e permitir a inscrição de novos gestos, de novos corpos em uma cidade-palimpsesto. Uma cidade em camadas, mas que as fraturas, senão belas, expostas a interferência do diverso, do outro, resultam em algo “muito mais potente para a vida.”

Essa mesma imagem, da cidade inscrita como potência de vida, já havia surgido no blog de Bernardo Carvalho mantido durante sua estadia de um mês em São Petersburgo, como exigência contratual do projeto Amores Expressos, do qual o romance faz parte.

No último post, datado de 2 de outubro de 2007, Carvalho assim escreve.

E, por incrível que pareça, é entre essa sucessão deprimente de enormes blocos de apartamentos, alguns em estado avançado de decrepitude, margeando uma imensa avenida, um mundo na maior desolação, que pela primeira vez reconheço a vida que eu procurava para o meu romance, a do outsider, que de alguma maneira tem a ver com a minha própria experiência na cidade e é a única que eu consigo entender(...) Pode soar imoral (certamente, porque não moro aqui), mas reconheço algum tipo de beleza nos garotos que jogam futebol na quadra de cimento no meio dos prédios, no imigrante do Uzbequistão que nos diz que um dia o mundo há de ser melhor e no pai sem camisa, fumando, com a filha pequena ao lado, (...) Amanhã, vou embora de São Petersburgo, logo quando começava a entender alguma coisa.

Ao estilhaçar a ideia de um imaginário nacional como um conjunto de memórias, experiências, discursos partilhados por uma determinada comunidade imaginada, Carvalho faz explodir sujeitos em fragmentos, como os blocos de prédio, mas que guardam, marca da literatura que o autor persegue, um elemento da “experiência comum”, como nos fala Paloma Vidal, em artigo inédito. E é justamente o gesto do outsider que termina, ironicamente, colocando em risco a

matéria prima dos discursos essencialistas: o passado imemorial.

É nesse sentido, que memória e esquecimento são armas utilizadas pelos personagens de Carvalho, com o intuito de existirem no intervalo entre o que seus nomes e origem não lhes deixam esquecer e o porvir, que se mostra como um exercício utópico em uma cidade que não deixa ninguém escapar.

A saída está nessa identificação entre os protagonistas que parece desmanchar com suas identidades pregressas, não mais tchetcheno, não mais russo, filho de brasileiro, e formar um sujeito em que os corpos se transformam em territórios indefinidos, tal como “as quimeras”, título que nomeia a segunda parte do romance.

Há um reconhecimento, um lapso de desconfiança e hesitação. E, pela inércia da recomposição de forças, os lábios entreabertos por pouco não se tocam. O recruta volta a sentir o próprio hálito na respiração do batedor de carteiras, sente-se acolhido por aquele sopro, como se pela primeira vez tivesse consciência do ar que respira e que o mantém vivo, na boca dos outros. E é só quando os dois rostos se afastam alguns centímetros, ainda sob o risco de uma reação intempestiva, que Andrei se dá conta de que são iguais (CARVALHO, op.cit, p. 125).

Como Akhmatóva, Bernardo Carvalho também conseguiu narrar essa silenciosa resistência entre ruínas.

Referências

CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Diário de Berlim*. Disponível em: < <http://blogdoims.uol.com.br/bernardo-carvalho-diario-de-berlim/> >

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: SENAC, 2004.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de História. In. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Tradução de S.P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1.

HOBBSAWN. E. Nos Bálcãs, a história vira arma política. *Jornal do Brasil*. 14 mar.1999.

